Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



BETTY FIELD e LON CHANEY JR. numa cena das «MÃOS E A MORTE», que «Animatógrafo» e a «Sonoro-Filme» apresentam no Conde

2.ª SÉRIE — N.º 27 — PUBLICA-SE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS — LISBOA, 12 DE MAIO DE 1941 — PREÇO: 1$50

A reportagem fotográfica do casamento de

DEANNA DURBIN





Como já informámos, Deanna Durbin casou com Vaughn Paul que, mercê de tão auspicioso enlace, apadrinhado pela Universal, ascendeu imediatamente à categoria de produtor associado.

«Animatógrafo» é o primeiro jornal europeu a publicar a reportagem fotográfica completa do acontecimento que interessou Hollywood e a parte do mundo que ainda pode ocupar-se de coisas de cinema.

Como o leitor sabe, a mais recente comédia de Deanna Durbin, «Data Memorável», exibe-se no Odéon e Palácio, onde está obtendo um êxito absoluto.







2.ª série / N.º 27 / Preço 1$50

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO na sede provisória, R. do Alecrim, 65, Telef. 29856. Composto e impresso nos Oficinas gráficas da EDITORIAL IMPÉRIO, LDA. — R. do Salitre, 151-155 — LISBOA — Telef. 48276 Gravuras da FOTOGRAVURA NACIONAL - Rua da Rosa, 273

Animatógrafo

Director, editor e proprietário: **ANTÓNIO LOPES RIBEIRO**

12 de Maio de 1941

PREÇOS DA ASSINATURA

Ano . . . . 78$00
Semestre . . . . 39$00
Trimestre . . . . 19$50

Distribuidores exclusivos: EDITORIAL ORGANIZAÇÕES, LIMITADA — Largo Trindade Coelho, 9-2.º (Telef P. A. B. X. 27507) — LISBOA

PRIMEIRO PASSO DUMA CAMPANHA EM MARCHA:

A estreia, no CONDES, da obra-prima cinematográfica

AS MÃOS E A MORTE



Lon Chaney Júnior e Bob Steele incarnam prodigiosamente as figuras do pobre gigante sem miolos que mata sem querer e a do cobarde e ciumento Curley

Mais uma iniciativa do «Animatógrafo» que, à semelhança de tantas outras que assinalam a sua ainda curta mas já bem recheada vida, acaba de passar do domínio dos projectos para o das realidades: a campanha a favor das obras-primas cinematográficas que os nossos exibidores receiam apresentar nas suas salas, por constituirem espectáculo de excepção, considerados «difíceis de defender comercialmente», como soi dizer-se .

Devemos acrescentar desde já que, sob determinado aspecto, êsse receio pode parecer legítimo. A exibição de filmes é um negócio, *e é natural que os negociantes rejeitem os produtos que se lhes afiguram pouco susceptíveis de agradar ao grande público. Mas o que também não há dúvida é que a exibição de filmes não é, como há quem pretenda, um negócio* como outro qualquer. *A exibição de filmes impõe certos deveres com a arte cinematográfica, certos deveres para com o público, e até para com sectores especiais do público.*

É verdade que em Portugal não existem, infelizmente, as chamadas «salas especializadas», em que uma freqüência assídua de cinéfilos reclama exactamente os filmes «fora de série», que se distinguem da produção corrente — mesmo da mais categorizada e digna — pelas contribuïções novíssimas que trazem ao espectáculo da luz. Mas talvez por isso mesmo, não seria demais que os nossos exibidores dedicassem algumas semanas das 52 que o ano tem à apresentação consciênciosa dêsses filmes, prevenindo lealmente o público insusceptível de se interessar por êles, mas convocando, em contra-partida, por meio duma publicidade bem orientada, aqueles espectadores a quem êsses filmes interessem mais que quaisquer outros.

«Animatógrafo», no entanto, sabia quão inglória e inútil seria uma campanha orientada em tal sentido. Se a simples supressão dum intervalo absurdo, que prejudica 90 por cento dos filmes que interrompe, encontrou da parte das emprêsas mais responsáveis uma reacção evidentíssima, bastando os interêsses dos «pás da água» para contrabalançarem os interêsses do próprio espectáculo e até da civilização pura e simples, imagine-se o que seria a pretensão de «sacrificar» duas ricas semanas para a simples satisfação dessas coisas insignificantes e rebarbativas que se chamam Arte e Cinema.

Resolvemos por isso adoptar uma tática mais simples e mais directa: compartilhar os riscos dessa exibição com as casas distribuïdoras que possuiam êsses filmes, e das quais encontrámos, justo é dizê-lo, o mais franco e decidido espírito de colaboração, fruto da compreensão perfeita dos nossos objectivos. Uma condição impuzemos no entanto: os filmes que beneficiariam do nosso patrocínio deveriam ser obras-primas indiscutíveis, pelo seu nível artístico e pela sua qualidade técnica. E isso faz com que bem poucos filmes dos chamados «não-comerciais» mereçam semelhante distinção.

Há que reconhecer que a sorte nos bafejou com o primeiro que escolhemos: As Mãos e a Morte *é uma obra excepcionalíssima, sem dúvida um dos mais altos espectáculos que o Cinema tem podido oferecer ao pensamento e à emoção. A sua estreia no Condes, no último sabado, pode dizer-se sensacional, pela qualidade do público que ali vimos, reünido expontâneamente, pois os bilhetes custam os preços habituais.*

Dos seus méritos vai falar-vos o director de «Animatógrafo», numa crítica que, propositadamente, se destacou da secção habitual.

E é claro que, desde que tivemos interferência na organização do espectáculo, e com o pleno acôrdo da Sonoro Filme, As Mãos e a Morte *se exibe sem qualquer intervalo que o interrompa inoportunamente, tal como o conceberam o seu autor e o seu realizador.*



JOHN STEINBECK
autor do romance original

A crítica do filme

Os cinéfilos de há dez anos, exactamente aqueles que podem fazer parte do «Clube do Animatógrafo», não esqueceram de certo a emoção profundíssima que em todos nós provocou a realização cinematográfica de «A Oeste, Nada de Novo». O romance famoso de Erich Maria Remarque, documento prodigioso duma época bem triste, encontrou em Lewis Milestone o encenador perfeito; o artista suficientemente sensível para apreciar em tôda a sua subtileza as reacções psicológicas dos rapazes de 18 anos atirados para a fornalha da guerra (a célebre «Classe 22» de Ludwig Renn), e o técnico suficientemente hábil e seguro para as lançar na película com a nitidez e o volume indispensáveis.

Em Milestone, seduzia-nos principalmente a extrema simplicidade de processos: nem ângulos exquisitos, nem filmagens complicadas. E, no entanto, que poder, que rigor cinematográfico em todos os enquadramentos, em cada movimento discreto e «nobre» do aparelho-de-filmar!

Depois, sentia-se que tal ensaiador (porque se esquece muita vez que a um realizador de filmes também incumbem as funções do ensaiador de teatro, afinando, quando não *inventando* os actores) tinha o poder quási sobrenatural de transmitir aos seus intérpretes, como a espelhos fidelíssimos, os mínimos reflexos da sua *vontade interpretativa*, para lhe chamarmos assim. A criação de Lew Ayres (que só muito mais tarde, e bem recentemente, conseguiu regressar à categoria que «A Oeste, Nada de

(Continua na pág. 6)



Betty Field, num papel como não víamos no cinema desde que Lya de Putti interpretou a Berta Maria de «Variedades»

CINEMA DE AMADORES

Está constituído o «Clube Português de Cinema de Amadores»!

Estão de parabens os amadores de cinema.

Evidentemente que não nos referimos aos cinéfilos, àqueles que amam o espectáculo do cinema profissional, mas sim aos que utilizam o cinema de formato reduzido, e portanto aos amadores de cinema. Depois de vãs tentativas, de campanhas jornalísticas que duraram anos, tem-se agora o resultado de todo êsse esfôrço.

O comunicado fornecido pelo Grémio Português de Fotografia diz-nos o seguinte:

A Direcção do C. P. F. eleita em assembleia geral de 30 de Abril p. p. comunica a remodelação da sua Secção de Cinema que passará a adoptar a designação de CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES, cuja Direcção ficou constituída como segue:

Presidente — dr. António de Menezes.

Vice-Presidente — eng. Carneiro Mendes.

Secretários — Alvaro Antunes e Artur Rodrigues da Fonseca.

Vogais — eng. Frederico Oom e Fritz Neumman.

Êste comunicado vem alegrar e dar alento aos amadores que há tanto tempo desejavam um Clube onde se concentrasse tôda a sua actividade e os ajudasse a trabalhar facilitando a realização dos seus filmes.

É de esperar que todos os amadores secundem esta iniciativa inscrevendo-se como sócios do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES.

Para tôdas as informações e esclarecimentos devem dirigir-se à sede sita no Largo do Chiado, 12, 2.° em Lisboa.

Uma sessão de propaganda, no Pôrto

Na sua primeira reünião, a direcção do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES resolveu realizar na cidade do Pôrto uma sessão de propaganda em que serão exibidos alguns dos melhores filmes feitos por amadores em Portugal.

Essa exibição que se efectuará no próximo dia 18 em local a designar é uma prova do interêsse que a Direcção do C. P. C. A. demonstra ter pelos amadores do Norte.

Oxalá os amadores do Pôrto saibam compreender e acarinhar esta iniciativa do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES inscrevendo-se como sócios, visto ter-se formado naquela cidade uma delegação.

No próximo número publicaremos o plano de trabalho para êste ano da direcção do C. P. C. A.

MANIFESTO

aos cineastas amadores

AMADORES:

Durante anos lutou-se por organizar um Clube de Cinema. Muitos existiram, mas ai deles, a sua orientação era falsa e todos cairam por culpa própria.

E anos passaram e a desorientação prosseguiu. Chegou-se porém a um momento em que continuar assim, seria a ruína de uma cinematografia de há tanto abalada por ruins iniciativas e fracas consistências.

Tivemos a felicidade de prever êsse momento e fomos preparando os amadores para a sua compreensão. Era indispensável agir na altura própria.

Não quisemos estar só em campo, não com receio de um fracasso, mas por temer não podermos suster a queda dum ideal.

Chamámos às fileiras, sem alardes nem rufos de tambores, os nossos «companheiros de armas»...

E de Norte a Sul, de Portugal inteiro, continental e ultramarino, veio até nós o auxílio das «milícias», cujas armas eram cartas em que testemunhavam a adesão à NOSSA causa. Mas a luta não se chegou a dar.

Agiu-se no momento oportuno e obteve-se vitória.

E é essa vitória que vimos aqui cantar em prosa ruim, pois melhores dotes Deus nos não deu.

É a ocasião de se prestar contas e agradecer a confiança depositada em nossas mãos. É a ocasião de se exigir (quando se ganha exige-se), o cumprimento da palavra dada. Está o nosso espírito ciente da realização integral de tal gesto.

AMADORES:

Na noite de 7 de Maio de 1941, na sede da Sociedade da Propaganda de Portugal, em Lisboa, uma dúzia de homens de boa vontade, representando centenas de outros, remodelaram a antiga Sub-Secção de Cinema do Grémio Português de Fotografia, criando o CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES.

Êste Clube fica sendo o único agrupamento português acreditado e filiado na «União Internacional de Cinema de Amadores» (U. N. I. C. A.)

Amadores do Norte e do Sul, do Continente e do Ultramar, da aldeia e da cidade, da vila e da capital, AMADORES DE PORTUGAL: tendes enfim um Clube que é VOSSO e que vai respeitar os VOSSOS interêsses, e que pode colocar a VOSSA cinematografia em nível idêntico ao do estrangeiro.

Para a realização do vasto programa a que a primeira direcção do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES meteu ombros é indispensável a cooperação de todos os amadores portugueses de cinema.

Vai pedir-se um esfôrço monetário, bem pequeno por sinal, mas indispensável para a realização de todos os vossos justíssimos desejos.

Há a certeza de que nenhum amador faltará à chamada e ainda mais: virão todos aqueles que nada disseram.

ATENÇÃO AMADORES!

O CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES vai promover tôdas as manifestações que entenda indispensáveis ao movimento ascendente da cinematografia de formato reduzido. Concursos, sessões, congressos e palestras, intercâmbio internacional de filmes e muitas outras coisas, vão ser uma realidade.

Não se descurou um só pormenor para o bem de todos os amadores.

No Pôrto, HÁ uma delegação e outras se formarão em mais cidades de Portugal, desde que a sua necessidade se reconheça.

AMADORES!

Está organizado o CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES; espera-se agora por vós.

JOÃO MENDES

NOTICIAS de Espanha

Realiza-se durante a primeira quinzena dêste mês o Concurso Anual de Filmes de Amadores organizado pela *Agrupación de Cine Amateur de Madrid (ACAM)* sendo atribuídas sete taças e sete prémios em medalhas.

Neste Concurso podem inscrever-se filmes nos três formatos existentes 8 mm., 9,5 mm. e 16 mm. e até à data de darmos esta notícia já se encontravam registadas 16 produções de amadores.

* * *

No dia 21 de Abril realizou-se nos salões da *Delegación Provincial de Educación* em Madrid, uma sessão de filmes de formato reduzido.

Os filmes foram apresentados por Carlos Fernández Cuenca (filho) que numa breve palestra expôs o significado do Cinema de Amadores.

Foram depois projectados os seguintes filmes: «Por Tierras de Vinero», «Contrastes», «El Valle del Tiétar», «Sueños de amor», producões da *A. C. A. M.*, e «El repórter mecanico», «Mensmortisó» e «El hombre importante», do *Cine Amateur Catalán*.

Esta sessão a que assistiu o director geral da Imprensa sr. Ercilla, o académico D. Eugénio d'Ors, o delegado da secção de Cinema de Amadores do *CIRCE* dr. Júlio Bravo e outras individualidades, foi notável tendo sido todos os filmes muito aplaudidos.

●

OS AMADORES do Pôrto fizeram um filme durante as filmagens de «ALA-ARRIBA!»

Os sócios das agremiações de amadores portuenses ADA Filmes e CONDOR CINE CLUBE deslocaram-se no domingo 4 do corrente à Póvoa de Varzim para filmarem em formato reduzido a procissão do Destêrro e os trabalhos de filmagens do filme de Leitão de Barros «Ala, arriba!».

A ADA filmes, estava representada pelos seus dois principais associados, Augusto Romariz e Lopes Fernandes, tendo trabalhado com uma câmara «Paillard» utilizada pelo amador suíço Adolphe.

O CONDOR CINE CLUBE enviou os seus operadores Fer-

(Conclui na página 8)

PANORÂMICA

O seu, a seu dono

A nova ideia que «Animatógrafo» lançou no seu último número — a criação duma «Tôrre do Tombo» para os filmes de interêsse histórico — afinal não é nova. No «Cine-Jornal» de 20 de Junho de 1938, a propósito da reedição do filme que fixara a proclamação de Sidónio Pais como Presidente da República, filme que foi agora exibido no primeiro espectáculo do Clube, o nosso camarada de redacção Fernando Fragoso inseria um artigo intitulado «É preciso criar, quanto antes, uma Cinemateca Nacional». E nele se dizia, com palavras irrefutáveis, que era uma barbaridade deixar que se perdessem os raros documentos cinematográficos ainda existentes em que se fixavam momentos culminantes da nossa história, nos últimos trinta anos.

A ideia não encontrou, porém, o eco merecido; e isso bastaria para que a retomássemos, emprestando-lhe o nosso entusiasmo de carolas. Mas uma coisa se nos afigura mais urgente ainda, e isso parece-nos inteiramente e absurdamente novo: não deixar que venham a perder-se os filmes que se vão fazendo, por via do mesmíssimo desleixo que tanto já fez perder.

Os portugueses têm aquilo a que o dr. Augusto de Castro chama — o culto do ôsso. São amadores inveterados de velharias; e a tal ponto que quási sempre lhes escapa o que existe de bom no seu tempo. Para reagir contra tão incongruente atitude, compete ao Estado, não só o estímulo, mas a conservação consciente das obras-primas contemporâneas. Assim se faz. Porque não adoptar então idêntica atitude com os filmes de interêsse histórico nacional? Ocupar-nos-emos largamente dêste assunto, a partir dum próximo número.

Também nos cumpre dizer que a Tóbis Portuguesa conseguiu reünir muitos documentários de grande interêsse retrospectivo, que conserva preciosamente em seus arquivos.

O seu, a seu dono.

A Guerra dos Servos

Continua a «Guerra dos Servos». Há quem suponha que a melhor forma de servir o Cinema Português é começar por se servir a si próprio. Caridade bem entendida...

Mas «Animatógrafo» não dorme. E embora não tenha, como por vezes aconteceu a certas publicações cinematográficas, o culto do escândalo, parece-lhe mais escandaloso consentir que certas palavras mágicas — *indústria, continuidade*, etc. — sirvam para encobrir interêsses pouco... desinteressados.

Os «servos» mobilizaram. Podem ter a certeza que não nos apanham desprevenidos do outro lado da fronteira...

Araújo Pereira

Os alunos particulares do mestre de teatro Araújo Pereira promoveram, para festejar os seus galhardos setenta anos, uma homenagem muito significativa, que se realizou no Sindicato Nacional dos Músicos.

«Animatógrafo, que tem pelo Teatro a veneração que devem merecer os antepassados, e acredita na sua ressurreição, associa-se a tão justa festa, só lamentando que não houvesse uma única emprêsa teatral que pensasse em ceder, por uma noite, o seu teatro, para que êsse grande e sincero servido da arte milenária tivesse a consagração que lhe compete.

Há tão poucas pessoas capazes de acreditar numa coisa e de levarem a sua crença a ponto de tudo lhe sacrificar, que nos descobrimos respeitosamente perante Mestre Araújo Pereira, que assim fez.

Fotógrafos

Na filmagem da Procissão do Destêrro para o filme «Ala, arriba!», de que damos pormenorizada reportagem na página central desta semana, deu-se a curiosa circunstância de não haver um único fotógrafo profissional encarregado de fazer fotografias especialmente destinadas à publicidade. Pelo menos, às nossos mãos — e somos o único jornal da especialidade — ainda não chegou nenhuma. Mas não seria por isso que deixaríamos, nós, de cumprir com o que nos competia. E João Mendes, enviado especial — íamos escrever «correspondente de guerra»... — recorreu à «sua seita»: os corajosos amadores, de fotografia e de cinema, sempre ao serviço da causa comum. Assim, os instantâneos que publicamos devem-se aos srs. Fernando Aroso, Fernando Alves, Henrique Viana e Adolph, repórtères complacentes, a quem muito agradecemos a preciosa colaboração que prestaram ao nosso jornal, tal como a Tobis Portuguesa lhes deve agradecer.

Um Desafio «Internacional»

Os empregados das firmas distribuidoras de filmes promoveram um desafio de futebol em que um «team» constituído entre o pessoal das firmas portuguesas se defronta com outro, constituído pelas firmas americanas. É uma idéia feliz, e que dá foros de «internacional» ao jôgo em que se disputa a «Taça Cinearte e Europa» e de que daremos o relato no nosso próximo número.

O ESTÚDIO E O JORNAL

Embora nunca usasse tanga de bananas nem me exibisse no Casino de Paris, eu tenho, como Josefina Baker, dois amores: o estúdio e o jornal. E porque detesto infidelidades, e ainda porque tenho cultivado assiduamente a minha capacidade de amar, levo uma vida de ralações e de canseiras, disputado pelas exigências constantes dos meus dois «lares».

Só pode parecer pretencioso e inútil êste desabafo a quem desconheça o mundo de atractivos morais que ambos oferecem, compensações que julgo de sobejo para os inevitáveis desgôstos que tanto um como outro me acarretam, como a todos aqueles para quem estúdio ou jornal são mais que simples modos de ganhar a vida.

E o desabafo vem por estar prestes a dar-vos a notícia de que vou, mais uma vez (decididamente, não tenho emenda!...), procurar servir como posso e sei a causa, tão pequenina e tão grande, da produção cinematográfica nacional.

O mesmo aconteceu quando foi da primeira série do «Animatógrafo», em 1933. Ia realizar então, para o Bloco H. da Costa, e ao lado de Max Nosseck, o meu primeiro filme de fundo. E a recusa dos que então administravam a Tobis Portuguesa obrigou-nos a ir buscar a um estúdio de Paris o acolhimento que em nossa própria terra nos recusavam.

Foi assim forçoso suspender a publicação do jornal, suspensão que se prolongou durante largos anos. Mas não passou de suspensão, como disséramos, pois o jornal voltou à luz do dia, com a mesma gente e até na mesma casa.

As coisas mudaram muito, de então para cá. A vida adquiriu um ritmo ainda mais exigente, maior complexidade, mas também possibilidades imprevistas. E o regresso dum director à actividade do estúdio já não pode explicar, num país que pretenda ser europeu, a suspensão do seu jornal.

«Animatógrafo», portanto, continua. E continua pelo mesmo rumo, com o mesmo objectivo, a mesma vontade — a mesma «genica»...

Os colaboradores que nos rodeiam sabem, tão bem como eu, o que buscamos, e qual é o caminho para o conseguir. Nêles se deposita a mais inteira confiança, tal como êles confiam em nós, e nos destinos do Cinema Português.

E o Cinema Português, filho da Revolução Nacional também, como ela, há-de continuar.

O que é preciso é que não continue como tem vindo até aqui, aos tropos-galhopos, sem organização e sem finalidade. Tem que acabar a idéia falsa e suspeita de que cada filme nacional que se apresente tem que ser um «acontecimento», um «caso de sensação», incompatível com outro filme, pior ou melhor, no cinema da frente. Pelo contrário: é preciso deixar agir o estímulo eficaz da concorrência, a emulação dos confrontos, o jôgo natural das hierarquias. E em vez de se dizer: não faço isto porque não quero fazer a figura daquele, que se diga: ora vamos lá a ver se eu sou capaz de fazer melhor que aquele outro fez.

Depois de bem tomada essa atitude, basta apenas ter confiança, ter brio — e trabalhar.

ANTÓNIO LOPES RIBEIRO

UM PRODÍGIO DE INTERÊSSE HUMANO E DE EMOÇÃO DRAMÁTICA

(Conclusão da pág. 3)

Novo» lhe conferiu dum dia para o outro) é uma das mais belas da história do Cinema, verdadeira apoteose da mocidade efémera que a guerra de 14-18 ceifou com tão angustiosa prodigalidade. E o sargento, interpretado por êsse maravilhoso actor que foi Louis Wolheim está sempre de dia à nossa memória, rondando-a como se ela fôsse o seu próprio quartel.

Pois tôdas as inultrapassáveis qualidades de estilo, sério e claro, que distinguiram Lewis Milestone em 1930 entre todos os realizadores do ano, mantem-nas êle agora nesta sua nova obra prima que se intitula em português «As Mãos e a Morte».

O título original do filme que Hal Roach produziu para os United Artists vem-lhe do romance em que se baseia, e de que é autor Charles Steinbeck, um dos mais laureados e representativos mestres da literatura americana contemporânea.

É êle o autor do célebre «Grapes of Wrath»; é êle o autor de «Of Mice and Men», que significa, à letra: *Dos Ratos e dos Homens*. Tão estranho título provem do primeiro verso dum poema que começa assim:

The best good schemes of mice
[and men...

Os melhores projectos dos ratos e dos homens — desabam quando o destino assim o quere...

George e Lennie tinham óptimos projectos: queriam juntar o dinheiro bastante para comprar uma quinta, onde houvesse um moinho, e terras de lavoura, e pombos, e coelhos, muitos coelhos, de que Lennie trataria com desvêlo.



O assombroso terceto principal dum filme em que cada intérprete é um grande artista

Lennie é um pobre rapaz que não sabe nada, e que George tem que guiar na vida como uma criança. Lennie idolatra-o, é-lhe dedicado como um cão, obedece-lhe em tudo...

Pois é Lennie que faz desabar, sem querer, os projectos maravilhosos de George...

Detestamos contar os argumentos até ao fim, pois julgamos que isso diminui consideràvelmente o interêsse que o filme deve ir despertando enquanto corre. Por isso não contamos mais. Mas diremos ainda que esta nova versão da história de Mofina Mendes resultou, nas mãos de Steinbeck e de Milestone, uma verdadeira epopeia de amizade trágica.

Porque o filme roça, sem procurar obter grandes efeitos, mas obtendo-os pela própria qualidade dos elementos em presença, os páramos da tragédia antiga.

A interpretação está ao nível do resto.

Lennie é interpretado por Lon Chaney Júnior. Certas expressões suas, lembram as de seu pai. E aquele que foi conhecido pela alcunha do «Homem das Mil Caras» certamente se sentiria orgulhoso de ver o filho trabalhar assim, se não estivesse já no Reino da Verdade.

George é Burgess Meredith. A segurança posta na representação dum papel dificílimo, embora simles na aparência, classifica-o na primeira fila dos intérpretes cinematográficos.

Mae, a perigosa e infeliz Mae, é Betty Field, uma estreante que vai dar que falar, pois desde «Variedades» que não vimos nenhuma actriz dar de forma tão impressionante a mulher inconseqüente e ordinária, ao estilo de Lya de Putti, que Simone Simon na «Fera Humana» conseguiu apenas sugerir por aproximação.

Todos os outros (e não empregamos aqui a frase no mero sentido sacramental, que quási sempre merecem os filmes americanos) só contribuem para a elevação do valor geral do filme: Charles Bickford (Slim), Rhoman Bohnen (Candy), o negro Leigh Whipper (Crooks), Noale Beery Júnior (Whit), Grenville Bates (Carlson) e Bob Steele, o «cow-boy» baixinho, a quem muito convêm papéis do tipo cínico de Curley.

O acompanhamento musical de Aaron Copland merece uma referência especialíssima.

E o filme merece as palmas unânimes do público, como mereceu as quatro estrêlas com que o distinguiu a crítica americana.

A. L. R.



A atmosfera ensoalhada do «Middle West» agrícola, em que se crestam os corpos e as almas, foi transportada prodigiosamente para o filme de Milestone

CINEMA PORTUGUÊS

III) A carreira de actor de Cinema

«Quero sempre subir mais alto, quero sempre olhar mais longe.»

GŒTHE

(Cont. do número anterior)

Achamos bem uma estadia no Conservatório, ou em qualquer outro centro de estudo da arte dramática, mas — como já dizia Daudet — uma vez saídos dali, os artistas novos julgam, saber tudo e não mais trabalham». Mas é ali, de facto, que o candidato à arte de interpretar aprende o ABC da sua carreira. Ali lhe ensinam a estudar um papel, a conhecer a psicologia duma personagem, a profundar caracteres, sentimentos, expressões, identificação, fisionomia e caracterização (no cinema, como se sabe, há especialistas na matéria), vestuário e acessórios.

Quanto à parte moral, ela tem grande importância na carreira do actor de cinema. Assim, Francis Lederer teve, largo tempo, a sua carreira interrompida, por se entregar ao «whisky». Simone Simon, hoje de novo em Hollywood, foi de lá corrida devido à vida de pândega a que se entregava.

Disciplina e obediência—eis o que se pede ao actor. É preciso que êle diga, submisso e inteligente, como Silvain, na «Paixão de Joan d'Arc», disse a Carl Dreyer:

— Mestre, ensine-me a fazer cinema!

Como Chaliapine disse a Pabst:

— Ensine-me a representar diante da câmara.

E nunca dizer como um actor do nosso teatro nos primeiros dias da sua carreira, ao encanecido encenador:

— Perdão, eu sei o que estou a fazer...

IV

Do que deixamos dito, fàcilmente se depreende não ser fácil a carreira de actor. Mais difícil ela se torna no cinema, onde, por mercê de características próprias da arte das imagens, o artista não pode evolucionar tão livremente como no palco, pois tem de cuidar em não se desviar do caminho marcado pelo encenador, sob pena de provocar uma desfocagem na câmara, sob risco de sair da zona sôbre a qual se concentram as luzes dos projectores e sob a ameaça da sua voz não ser bem recolhida pelos microfones, dispostos para o que se pretendia mas não para o que o intérprete executou.

Queremos com isto salientar não ser decente nem exequível alguém aspirar à carreira de actor de cinema para amar «ingénuas» diante da objectiva, fumar bons cigarros ou ouvir o seu nome apregoado pela tuba da fama. O cinema é uma arte muito cara — e é uma profissão. E, como profissão, não admite brincadeiras — a não ser nos intervalos de filmagem... para efeitos de publicidade.

Quem entra num estudio ao romper do dia sai de lá derreado à hora do poente. Um realizador português perdeu onze quilos durante a filmagem da sua produção. Outro realizador, dos mais saüdáveis e resistentes que possuímos, para suportar, há anos, o trabalho de encenação, teve de recorrer à botica.

Mas aquele que tem vocação, que ama a carreira do cinema, dá-lhe a saúde, os bens, a própria vida, como se se tratasse duma mulher amada. Conhecemos exemplos de todos êstes casos. Porque a arte das imagens é a maior feiticeira, a mais venenosa mancenilheira da actualidade. Para ela vem gente de tôdas as profissões — engenharia, medicina, advocacia, jornalismo — e de tôdas as condições — da aristocracia e do povo — mas dela, depois de experimentado o seu travo agri-dôce, depois de conhecidas as suas exigências, ninguém vai para as outras profissões.

Isto explica o encanto que se desprende da arte com a qual se fabrica tôdas as ilusões.

Arte sem dúvida necessária, para embelezar a vida, para poetisar a Natureza.

Porque, como dizia Hugo, referindo-se aos *comprachicos*, êles tinham reconhecido que «a Natureza era incompleta».

V

Demos, resumidamente, e sem ter quaisquer pretensões de apresentar matéria nova, as indicações gerais para a formação de artistas de cinema. Quanto a facilitar-lhe o acesso ao estúdio, não nos parece necessário dar aqui um «abre-te, Sésamo». Quem representa não é tímido, não pode ser tímido; logo, pode ir tranqüilamente até ao estúdio e apresentar-se ao assistente de qualquer realizador (visto não serem os realizadores que se ocupam de organizar os «castings»).

E quem não quiser ou não puder ir até lá, escreva, por exemplo—para o Sindicato dos Profissionais de Cinema—organismo legal e que, em nosso entender, pode muito bem centralizar o serviço dum «casting», enviando juntamente uma ou duas fotografias. E depois... é ter paciência e aguardar a vez de actuar diante das objectivas.

Pôsto isto, o candidato a actor lança-se à corrente da sorte e conquistará a posição ambicionada, por mérito próprio, à fôrça de trabalho, de sacrifício e de perseverança — os únicos padrinhos que o cinema aceita e reconhece.

MOTA DA COSTA

VER OUVIR... E FALAR

Diz-se e escreve-se fàcilmente que os realizadores portugueses não prestam, que não conhecem o cinema e que não há nada a esperar deles. Se tivermos ocasião de pensar na forma como aprenderam o seu serviço, nas circunstâncias em que trabalham e no que foram obrigados a fazer para alcançar êsse trabalho, compreende-se que, se na grande maioria os nossos homens de cinema não têm valor, é no entanto impossível julgá-los pelas suas obras.

Aquele que se destina ao cinema não sabe a que porta ir bater. Não existe entre nós uma organização cinematográfica permanente. Contudo, será considerado realizador, autor de filmes, quer seja depois de haver dirigido uma pequena tentativa de cem metros, quer tenha relações nos meios cinematográficos.

Até aqui, os realizadores não têm sido considerados nem pelo seu talento, nem sequer pelas receitas que os seus filmes obtenham, mas sim pelas simpatias ou pelo dinheiro que se poderá arranjar graças ao seu nome ou à sua habilidade política.

O financiamento dos filmes é pois a mola-real. O que ocorre quando se pretende começar uma produção? Principia-se por aceitar uma ideia vaga. Conscienciosamente, o realizador, julgando que tudo irá por diante, deita-se ao trabalho e faz a sua planificação, ordenando as diferentes cenas, encadeando a acção segundo a sua própria inspiração inicial. Entretanto, o editor procura arranjar dinheiro. Segundo um hábito nefasto, procede-se à venda do filme antes mesmo que tenha sido dada a primeira volta de manivela. Que seja bom ou mau — isso pouco importa! Os que compram são obrigados de tôda a maneira a fazer-lhe publicidade para o explorar e o orgulho da sociedade ficará assim satisfeito. O que é preciso é «caçar» o dinheirinho mesmo com o sacrifício de aceitar as sugestões mais incríveis para satisfazer um público de que cada um pretende representar o gôsto.

Suponhamos que está presente o cliente A. Êste lê o argumento, volta e diz: «Em certa altura isto ou aquilo não me parece bem! É necessário introduzir-lhe modificações!» Só com esta condição consentirá em fazer um importante adiantamento — adiantamento que naturalmente é aguardado com ansiedade para se começar o filme.

Claro, que em cada dez vezes, o realizador protesta nove e declara que isso vai alterar os seus planos e prejudicar o conjunto. Palavras perdidas. Só lhe resta inclinar-se, pois que a questão predominante é o dinheiro. Em lugar do filme bem ordenado, artístico, que tinha sonhado (eu ainda acredito nas boas intenções dos nossos realizadores) ver-se-á forçado a fazer qualquer coisa que seja «comercial», segundo o sentido que certos senhores atribuem à palavra.

Deve-se êste costume de trabalhar por intermitências e ao-Deus-dará à ausência de uma organização, à incapacidade dos produtores e à indiferença dos financeiros. Um realizador perde todo o proveito, experiência e treino, que lhe proporcionou a execução de uma fita se ficar um ano sem fazer nada, a procurar trabalho inutilmente e a mover-se na inacção.

Como qualificar os projectos que apontámos?

Registam-se a cada passo esforços que demonstram ser perfeitamente inúteis, quando não prejudiciais, porque os seus autores reincidem nos mesmos êrros do passado e não dão nenhum prazer ao público que permanece juiz soberano do assunto.

As coisas passar-se-iam de outra maneira se existisse um organismo central capaz de financiar as emprêsas cinematográficas. Existem Bancos que se interessam particularmente pelos vários ramos da indústria. Há grupos financeiros que se ocupam de tantas coisas. Por que não há-de haver um Banco de Cinema, cujos serviços estudassem cada negócio pormenorizadamente com as garantias que êle representa e que se encarregasse do financiamento dos filmes?

... Talvez desaparecessem aqueles que só querem filmes nas «férias grandes»...

AUGUSTO FRAGA

OS AMADORES PORTUENSES NA PÓVOA DO VARZIM

(Conclusão da pág. 4)

nando Alves e Américo Corrêa e como fotógrafos trabalharam os amadores Henrique Viana e Fernando Aroso, acompanhados pelo seu presidente sr. Alberto de Sousa Pinto, tendo utilizado câmaras «Ditmar» e «Pathé».

A orientação da filmagem foi feita pelo nosso redactor João Mendes.

Êste filme deve ser apresentado possìvelmente na próxima sessão do CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES, a realizar naquela cidade.

Verificou-se assim o perfeito espírito de camaradagem existente entre os camaradas portuenses.

Os profissionais, que por vezes não tomam a sério os amadores, tiveram ocasião de observar o trabalho que os cineastas de formato reduzido desenvolveram durante as filmagens de «Ala, arriba!» sem prejudicarem ninguém.

Impressionaram-se cêrca de cem metros de película em quatro câmaras diferentes manejadas por vários amadores.

Esta reportagem, cremos que única no género feita até agora em Portugal, mostra a preparação das filmagens da procissão do Destêrro tendo planos curiosíssimos onde se hão-de ver Leitão de Barros e os seus colaboradores assim como os figurantes e Tereza Casal, a gentilíssima espôsa de Artur Duarte que amàvelmente acedeu em ser filmada por amadores.

Depois é o frémito de emoção que passou por tôda a figuração quando se iniciou a procissão que está largamente documentada.



Américo Corrêa do CONDOR CINE CLUBE junto da equipa técnica de «Ala, Arriba» filma um pormenor em formato reduzido



O amador Fernando Aroso do «CONDOR CINE CLUBE» filma enquanto o nosso redactor João Mendes segue atento o trabalho dos outros operadores



Um friso curioso dos amadores da ADA Filmes e do CONDOR CINE CLUBE durante as filmagens na Póvoa do Varzim

O filme que os amadores portuenses realizaram inclui planos idênticos aos escolhidos e filmados para «Ala, arriba!». Foram mais longe os amadores e durante a passagem da procissão obtiveram primeiros planos a grande distância, graças à tele-objectiva de uma das câmaras.

Depois de exibida no Pôrto conta o CLUBE PORTUGUÊS DE CINEMA DE AMADORES poder apresentar aos sócios de Lisboa esta interessante reportagem.

Oxalá se fizessem muitas mais. Cremos que a recente organização do C. P. C. A. virá ajudar bastante estas possibilidades.

Má Língua

Em virtude do êxito obtido pela «Balalaika», vai produzir-se um novo filme inspirado naquele, intitulado «Guitarra»; que terá como protagonistas Ercille Côte e Alfred Menuisier. Neste filme o capitão de cossacos será substituído por um cado da G. N. R., também a cavalo; em lugar do teatro da Ópera será o «Palais de la Gaîté», da praça do mesmo nome; e no final, em vez do baile do fim do ano, haverá um concurso de cègadas. A canção «Balalaika» será substituída pelo «Lá em cima está o Tiroliroliro» que, embora não pareça, também é uma boa maçada.

—Um conhecido produtor vai contratar o célebre artista Crucet, que imita todos os instrumentos e todos os ruídos, para ir trabalhar na firma que dirige. Na opinião daquele produtor sempre sai mais barato que pagar a uma orquestra.

O HOMEM-SOMBRA

CARTAS DUM CINÉFILO

Aerodinâmico director:

Na minha qualidade de sócio fundador do «Clube do Animatógrafo» lá estive, também, na sessão realizada no Palácio das Exposições e gostei muito daquilo. Agora devia fazer-se uma sessão só com filmes dos clássicos portugueses.

Dou-lhe esta ideia e não lhe levo nada por ela.

Continuo às voltas com o meu argumento mas não sei como hei-de resolver o prosseguimento da história visto que o pai continua na dispoção de autorizar o casamento da filha. Diz êle que os tempos vão de mal a pior e sempre é um encargo a menos. Como o sr. Artur Duarte tem uma colecção de argumentos estava capaz de ir ter com êle para ver se entre êles há algum que me inspire. Acha que faço bem?

Com que então o sr. director quere imitar-me. Eu ando-lhe a escrever cartas há que tempos e o sr. agora desata a escrever bilhetes postais ao sr. Leitão de Barros.

Fui novamente ao São Luiz ver o «Correspondente de Guerra». O sr. não acha que esta fita tem nitidas influências do «Pôrto de Abrigo»? O argumento é parecido e até nos processos de realização há pontos de contacto. Aqueles americanos vendo alguma coisa de jeito não se ensaiam nada para a copiar. Devia ser proïbido. Já quando o sr. fez um filme quási todo passado em África êles também apareceram com vários filmes iguais.

Ainda não consegui vender a acção da «Tóbis Portuguesa» e há dias fui oferecê-la a um conhecido capitalista e êle começou-se a rir. Porque será?

Sem mais seu dedicado cinéfilo há mais de dez anos

Ignácio da Purificação

P. S. — Diga no seu jornal que eu dou a acção da Tobis e mais dez mil réis.

I. da P.

O primeiro espectáculo do «CLUBE do Animatógrafo»

visto pela objectiva de FERREIRA DA CUNHA



O nosso director no momento de fazer a apresentação do «Clube do Animatógrafo»

Que o primeiro espectáculo do «Clube do Animatógrafo» teve êxito é facto assente. As cartas dos sócios que nos felicitam são disso prova indiscutível. Mas os leitores da província que não puderam participar do curioso sarau decerto gostarão de testemunho mais evidente do êxito obtido. A êsses dedicamos estas fotos que, para os que estiveram na noite de 2 de Maio no cinema do Palácio das Exposições, ficarão como grata recordação dum espectáculo inolvidável.

«Animatógrafo» está muito reconhecido às firmas Companhia Cinematográfica de Portugal e S. P. A. C. pelo auxílio que lhe prestaram na selecção dos filmes antigos escolhidos para o espectáculo.

Outra relíquia a apresentar...

Podemos hoje informar os sócios que, o «Clube do Animatógrafo» conseguiu já obter outra relíquia do cinema silencioso para apresentar na primeira ocasião. Trata-se nem mais nem menos, do que do primeiro filme de Greta Garbo — a inesquecível «Lenda de Gösta Berling», dirigida pelo malogrado Maurice Stiller.

O filme, onde vamos reencontrar Lars Hanson (lembram-se dele, cinéfilos da velha guarda?) mantem um cunho artístico muito especial. Nota-se nele a presença dum autêntico encenador e a história — extraída do famoso romance de Selma Lagerloff — mantém um encanto e uma frescura salutares.

Outras relíquias que andam dispersas — e algumas até em poder de particulares — tentamos reünir para as ressuscitar por algumas horas.

Aos sócios da província, mais uma vez dizemos que não se impacientem. Há-de chegar-lhes a vez e «Animatógrafo» a todos levará um pouco da sua presença e das suas iniciativas que nunca ficam, como é inútil dizer, no campo das hipóteses.

As fotos de Ferreira da Cunha

Mas voltemos às fotografias que ilustram esta página. Assina-as Ferreira da Cunha, o conhecido «az» da reportagem fotográfica, que já tem trabalhado mais vezes para «Animatógrafo».

Por elas se pode ver a numerosa assistência que enchia o salão do Palácio das Exposições. Sabemos que esta foto e as notícias que temos dado deixam os sócios da província com desejos de terem para êles festas idênticas. Podemos garantir-lhes que o «Clube do Animatógrafo» realizará sessões em todo o País a seu tempo. Mas é necessário resolver os vários problemas que a organização dessas sessões implica e então sentirão os mesmos prazeres que aqueles que assistiram ao primeiro espectáculo.

Agradecemos as referências feitas pela imprensa e especialmente ao «Jornal de Notícias» do Pôrto que dedicou uma crónica na sua secção «Notícias Políticas», tendo palavras de louvor que nos sensibilizaram.

Os sócios do «Clube» devem estar gratos a todos aqueles que compreendem o vasto alcance da sua organização.



Os sócios do Clube enchiam, como se vê, o elegante cinema do Palácio da Exposição

«ANIMATOGRAFO» assistiu às filmagens da famosa

PROCISSÃO DO DESTÊRRO

na Póvoa do Varzim





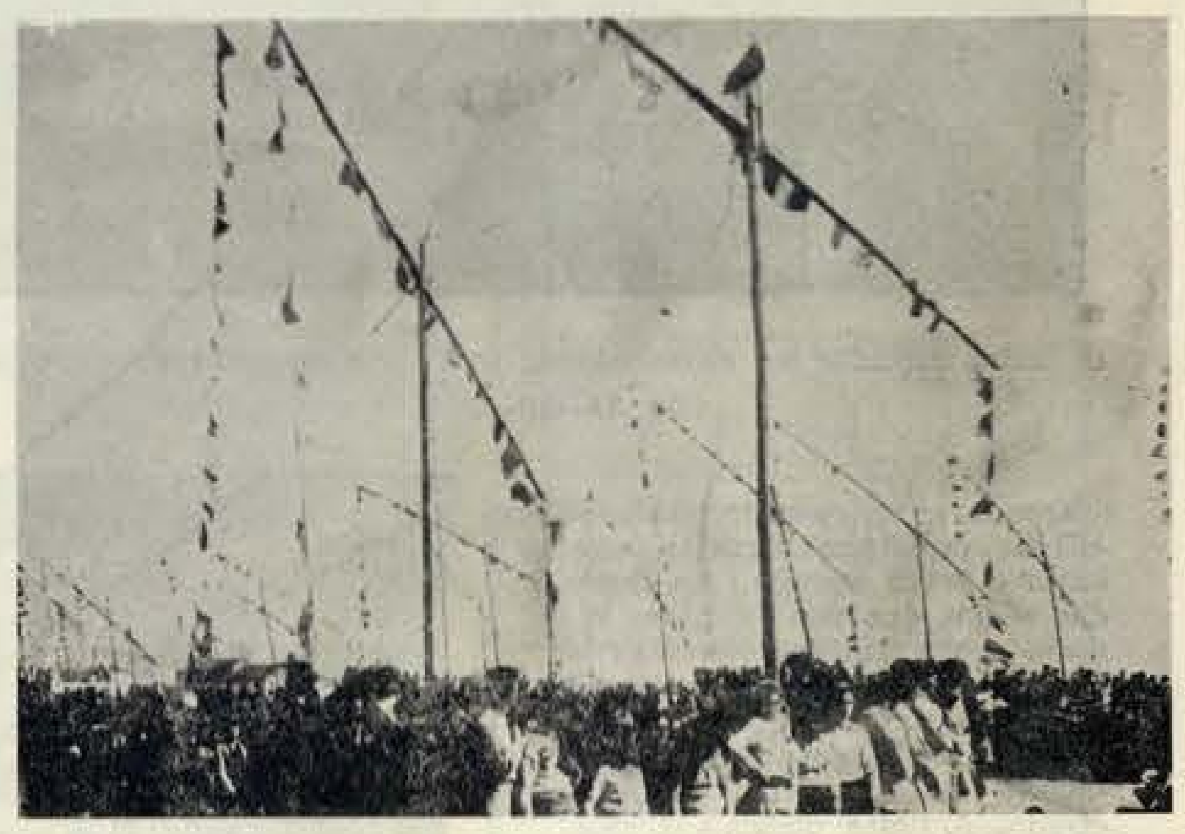
Ao lado do alto praticável donde se filmam os grandes conjuntos, Leitão de Barros dirige tudo e todos. E parece contente com o que vê, através dos seus óculos escuros

O NOVO FILME PORTUGUÊS

«ALA, ARRIBA»

DE LEITÃO DE BARROS E ALFREDO CORTEZ

está em plena produção



A procissão desfila entre duas alas de barcos embandeirados, alinhados na praia



O pálio, dirigindo o Santíssimo, passa na praia, junto do mar autêntico e dum mar de gente...

Conforme já haviamos informado os nossos leitores, Leitão de Barros encontra-se com a equipa da Tóbis Portuguesa a filmar exteriores na Póvoa do Varzim para o seu novo filme «Ala, Arriba!»

Quando tivemos conhecimento da reconstituïção, para o filme, da Procissão do Destêrro não se hesitou. Um redactor foi enviado propositadamente à Póvoa do Varzim para darmos conta aos nossos leitores de tudo o que vissemos e ouvissemos.

A primeira sensação que sentimos ao pisar as areias poveiras, foi de deslumbramento.

Deslumbrante pela luz e pela côr do espectáculo magnífico que aos nossos olhos se patenteava.

Milhares de pequeninas bandeiras tremulavam ao vento em cordas presas aos mastros dos barcos da pesca, e, formando um enorme cordão humano, pescadores e pescadeiras com os seus fatos de garridas côres.

E todo êste espectáculo, engrandecido pelo ambiente do vastíssimo areal poveiro, tinha por fundo o oceano, habitualmente revôlto e tempestuoso. Mas, para se associar à festa, o mar, resolvera descançar das suas fadigas num colorido verde-azulado que um sol esplendoroso valorizava.

Em cima, os «homes de respêto», passam com as suas opas e os seus círios...



À direita, Tereza Casal assiste ao emocionante espectáculo, sorrindo, como deve sorrir uma vedeta...



Leitão de Barros dirige

No alto de um praticável de cinco metros de altura, Leitão de Barros dirige as filmagens de «Ala, Arriba!». Entendemos, contra o habitual, não quebrar com inoportunas preguntas a marcha dos trabalhos.

Andando um pouco mais, encontrámos Tereza Casal, a elegantíssima vedeta dos «Fidalgos da Casa Mourisca», que está na Póvoa a título puramente particular: é a espôsa de Artur Duarte colaborador directo de Leitão de Barros.

É ela que nos diz:

«Tem-se trabalhado muito».

O espectáculo que à nossa frente se passa confirma as palavras de Teresa Casal.

Alguém acrescenta:

«Durante dias, água até aos joelhos, tem-se impressionado película para outro «clou» do filme: o naufrágio.

A equipa técnica

Leitão de Barros soube rodear-se de bons técnicos.

Artur Duarte, o incansável colaborador de muitos filmes portugueses, tem sido o braço direito do realizador de «Ala, Arriba!».

É êle quem vela pela boa organização das filmagens.

Lá está, de megafone na mão, gritando à figuração que avance, ou que recue.

Os operadores, Salazar Diniz e Octávio Bobone, assistidos por Cândido da Silva e Artur Macedo, estão encarregados de impressionar na película cinematográfica tôda a garridice da vida poveira. Tavares da Fonseca, o reporter fotográfico do «Século» no Pôrto, contribui com um «Kinamo» na mão para a maior variedade de ângulos.

António Vilar caracteriza os pescadores para «ficarem bem» na película pancromática. Óscar Acurcio, Estácio de Barros e outros — Augusto Camilo, Malveira... — compõem a equipa da Tobis Portuguesa.

A filmagem

Tudo está pronto, espera-se o início da procissão. Leitão de Barros olha por tudo, não lhe escapando o mais ínfimo pormenor.

Agitado pelo trabalho febril de muitos dias de preparação e filmagem tira e põe o chapéu.

O dr. Rodrigues Pinto, director de produção do filme, segue atento a actividade das «câmaras». À volta encontra-se uma multidão de poveiros, intérpretes principais desta cena extraordinàriamente cinematográfica.

No céu estoirou agora um foguete.

Tôda a figuração se agitou. Vem aí a procissão. Primeiro os

(Conclui na página 18)



Passa o Santíssimo... O povo ajoelha... Homens, mulheres, crianças recolhem-se com fervor ...



Artur Duarte, como de costume, multiplicou-se por mil. Mas sempre encontra tempo para disparar a sua máquina...



Quando terminaram as filmagens, já era ao pôr do sol. Mas ganhara-se bem o dia!

À Margem das Fitas

POR PAUL FARIA DA FONSECA



Uma revista americana de cinema publica um curioso artigo sôbre a maneira de perder amigos e afugentar os conquistadores. Decerto, os conselhos dirigem-se às senhoras. Eis os principais mandamentos (se assim lhes podemos chamar) a aplicar por «ela» no momento em que «êle» está mais entusiasmado:

— Se êle não fuma, ela acende um cigarro e sopra-lhe o fumo para os olhos;

— Se jantam juntos, ela espalita os dentes;

— Se êle a procura dias seguidos, ela esquece-se de lavar os dentes, também durante todos êsses dias, e deixa que o mau hálito actue;

— Sujar os dentes com o «baton» dando a impressão de outra coisa;

— Nos momentos de indecisão, ela mete o polegar na bôca... para pensar melhor;

— Limpar o «baton» dos lábios ao melhor lenço que êle trouxer;

—Espirrar, quando êle se aproxima demasiado;

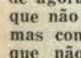
— Fazer mover os dentes postiços, se os houver;

— Mastigar «shewgum» quando êle a quere beijar.



E, já que falamos de Cuba, eis uma opinião de Pedro Pablo Chaves sôbre a indústria de cinema nesse país: «Repetidas vezes nos escapou da pena a afirmação de que não temos indústria cinematográfica, mas é rigorosamente certo que a possuímos; sucede, porém, que não a honramos nem a pomos em marcha... Portanto, de agora em diante, não diremos que não temos indústria filmica; mas continuaremos a sustentar que não dispomos de produtores com a visão clara do negócio de cinema, nem de capitalistas com a coragem suficiente para jogar, numa cartada nobre, metade do que esbanjam em frioleiras e bambochatas em qualquer das quatro estações do ano.»

Ao que parece, o mal é o mesmo em quási todos os pequenos países produtores.



Pete Smith, o curioso e agradável comentador de filmes curtos, chegou, há pouco, à conclusão de que há dezenas de Pete Smiths, porque Smith é um dos apelidos mais generalizados. Por isso, resolveu escolher a primeira letra dum apelido intermediário, para colocar entre o Pete e o Smith. Mas, aí começaram as dificuldades, porque, entre os apelidos de família, há os que principiam por Z, M, P, Q, N, C, S, W, etc., e Pete Smith, para não desgostar os antepassados e o público, não sabe qual dêles escolher para «Middle Name», que, por enquanto, é um... X.

ARGUMENTOS...

...e factos

por **António Carvalho Nunes**

A crise de argumentos é um facto que ressalta aos olhos de quem freqüenta assiduamente as salas de cinema. A bem dizer sòzinho, o cinema americano parece não chegar para as encomendas...

Com efeito, o ritmo da produção excede as possibilidades de criação dos argumentistas; por mais que êstes se desentranhem em ideias, quilómetros e quilómetros de celuloide tudo devoram e acabam por estancar as fontes da originalidade, manancial onde vão beber tôdas as outras actividades do cinema.

Porque ao princípio é o argumento.

Não se trata dum factor mais ou menos preponderante, mas da própria essência do espectáculo. O resto é acessório; a forma e o estilo são também aqui meros instrumentos.

Temos visto bailarinos acrobáticos que não passam de acrobatas.

Só os filmes de desenhos animados podem repetir o milagre das bolas de sabão, muito ôcas e muito lindas...

Antes de proclamar que o silêncio é de oiro, o árabe pensou primeiro se valia a pena sair do seu mutismo.

* * *

À margem da crise a que aludimos estão os filmes chamados biográficos que encontram na História filão inexgotável de temas palpitantes. Mas não sendo possível dar constantemente ao público os homens célebres em espectáculo, há que recorrer à imaginação menos trasbordante do que a da própria vida.

E dois grandes caminhos se deparam: o drama e a comédia.

Precisamente pela facilidade de encontrar neste vale de lágrimas assunto para drama, o cinema americano enveredou pela comédia com o pensamento triste de que é mister contemporizar com a grande multidão necessitada de se despreocupar.

Ora a comédia americana parece ter nascido para reabilitar o nosso velho Gimnásio... Vive muito mais das situações criadas do que de ditos de espírito.

A palavra «ridículo» não é como a «saüdade», traduz-se em tôdas as línguas. E como cada pessoa prefere ver o ridículo nas outras, o mundo tende a tornar-se cada vez mais grave e sensaborão.

Daí as situações cómicas apresentarem um ar forçado que não escapa à observação mais superficial.

O método é sempre igual: inventam-se figuras desprovidas de senso-comum ou mesmo de qualquer senso e atira-se com elas para dentro do tal mundo circunspecto e mal humorado.

A mistura não chega a ser explosiva, mas as situações que dela derivam provocam a gargalhada franca, sem contudo levar até ao sorriso como a comédia francesa.

Sabe-se que entre Sacha Guitry e um humorista de Nova Iorque, nascido na rua 42, crescido na rua 53 e actualmente instalado na rua 64, há a mesma diferença que entre o requintado «jiu-jitsu» e o brutal «catch-can».

A interminável galeria de rapazes desequilibrados e de raparigas tinôcas que a comédia americana patenteia, interessa de comêço pela extravagância ou mesmo pelo «caso social» que traduz, mas acaba sempre por provocar um invencível fastio.

Se a comédia-maluca é efectivamente a flor do mal duma civilização super-mecanizada, havemos de convir que é mais graciosa a delicada rosa de toucar

Queremos nós dizer com isto que se deve encarar a vida sob o manto diáfano da poesia. E os argumentos que dela assim se podem extrair serão tão originais quanto pessoal fôr o poeta realista ou o realista poeta na tecedura da teia.

Os factos e os argumentos não se confundem nem se combatem, explicam-se mutuamente...

Charles **Laughton** e *Carole* **Lombard**





vistos por Pacheco no filme "O OUTRO", já exibido entre nós

NOTICIAS DE HOLLYWOOD

Jean Gabin vai interpretar o seu primeiro filme americano, para a Fox, dirigido por **Jean Renoir**

Finalmente sabe-se agora, nos seus pormenores, o plano de trabalho americano de duas das mais importantes personalidades do Cinema francês que Hollywood, recentemente, chamou a trabalhar nos seus estúdios — o realizador Jean Renoir, e Jean Gabin, o prestigioso actor francês, intérprete de alguns dos mais notáveis filmes saídos dos estúdios de Além-Pirineus nos últimos anos.

Jean Renoir, cuja passagem por Lisboa o nosso jornal condignamente assinalou, dedicando-lhe até o seu primeiro espectáculo que tão grande êxito alcançou, e Jean Gabin, que há cêrca de dois meses deu ao nosso camarada Fernando Fragoso, para «Animatógrafo», a sua última entrevista europea, têm neste momento a sua situação sòlidamente assente no Cinema americano, que os recebeu com as honras a que as personalidades tanto de um, como de outro, tinham jús. A estreia recente em Nova York, com a presença do seu protagonista, do filme «Pepe Le Moko», uma das mais notáveis criações de Jean Gabin, que obteve um êxito fora de todos os precedentes, veio chamar ainda mais a atenção da América para o nome do grande actor francês.

Como há pouco dizíamos, sabe-se já qual o filme que para a Fox, emprêsa que os tem contratados, Jean Renoir e Jean Gabin vão fazer. Darryl Zanuck acaba de o anunciar. Intitula-se *Moon Tide* e é extraído duma novela de Willard Robertson, dias antes adquirida pela 20th Century-Fox. John O'Hara é o «scenarista» do filme de que Mark Hellinger será o produtor, não se sabendo ainda quem são os parceiros que contracenarão com Gabin.

A Fox comprou também a Antoine de St. Exupery, o extraordinário «homem do ar», os direitos cinematográficos do seu livro «Wind, Sand and Stars», que é quási uma autobiografia, destinando-o também a Renoir e Gabin. É êste o seu segundo filme.

Por sua vez, o encenador de «Fera Humana» está também trabalhando com o produtor Nunnally Johnson, que é, uma das personalidades mais categorizadas entre os «scenario-writers» não só da Fox como de tôda a indústria, no «decoupage» de «The Night the World Shook», extraído também duma novela — «800 Convicts March on at Caraibo», de William Wendt. Embora Renoir seja o produtor associado dêste filme, não se sabe, no entanto, se será êle, comulativamente, o seu realizador.

SHIRLEY TEMPLE na M. G. M.



Conforme informâmos, Shirley Temple foi contratada pela Metro-Goldwyn Mayer para fazer parte do seu elenco de estrêlas. Esta fotografia chegada agora de Hollywood, mostra-nos a pequena grande artista ao lado de Mickey Rooney e de Judy Garland, no momento em que Louis B. Mayer, o director da M-G-M, apresenta a Shirley o contrato para assinar

O filme dos **Irmãos Marx** para a M. G. M., **«Murder with Music»**, terá algumas cenas em relêvo

Depois de um longo período de preparação, encontra-se neste momento em pleno trabalho de realização o novo filme dos irmãos Marx, que, a ser verdade o que se diz, e de que «Animatógrafo» se fez já eco, será o último em que os reis da loucura aparecerão juntos, e juntos farão as tropelias e as incongruências de que todos os seus filmes estão cheios. O seu último filme estreado em Lisboa, «Os Marx no Far-West», era até sob êsse ponto de vista, um dos que mais se aproximavam dos seus famosos tempos da Paramount, onde êles se encontravam, ainda, no estado de loucura cem por cento.

Neste seu novo filme que de início se chamava «Step This Way» passou agora a ter o título, parece que não definitivo ainda, de «Murder With Music», dirigido por Chuck Reisner, aparecem ainda Tony Martin, ex-marido de Alice Fay agora trabalhando sob contrato da M. G. M. para a qual acaba de interpretar um dos primeiros papéis de «Ziegfeld Girl», Virginia Grey, Charles Holland, Virgínia O'Brien, Margaret Dumont, habitual intérprete dos filmes marxianos, Douglas Dumbrille, que será o «cínico», o engraçado Henry Armetta e William Tannen.

«Crime ao som da Música» terá ainda uma particularidade muito importante: é o primeiro filme de grande metragem que terá uma sequência inteira em relêvo, em que a sensação da terceira dimensão é a mais perfeita conseguida até hoje, ao que se diz.

O primeiro filme em que foi usado êsse processo da invenção de John M. Nicholaus, para o qual são utilizadas uma câmara e objectivos especiais, foi um «short» de Pete Smith, há poucos dias concluído.

OS FILMES de **Goldwin** passam a ser distribuídos pela R. K. O.-Radio

Dizem-nos de Hollywood que Samuel Goldwyn fechou contrato com a RKO-Radio para que os filmes dêste conhecido produtor sejam distribuídos por esta companhia. O primeiro dêstes filmes, que tem por título «The Little Foxes» é com Bette Davis, e o segundo, ainda sem título, será interpretado por Gary Cooper.

Sabemos também que, na semana passada, foi novamente assinado um contrato de longo prazo para Ginger Rogers e prorrogados os acordos com Walt Disney, referentes aos filmes «Fantasia», «Bambi», «The reluctant dragon» e outros.

«FLASHES»

- *AFINAL já não é Laraine Day quem aparecerá ao lado de Robert Taylor no filme da M. G. M. «Episode in Lisbon», mas Hedy Lamarr.*
- *FOI o realizador Sam Wood, a quem se deve «Kitty, a Rapariga da Gola Branca» quem dirigiu para a Paramount as filmagens do documentário realizado durante a atribuïção dos prémios da Academia Americana na Beltmore Bowl, e de todo o cerimonial que o precedeu. O filme da festa do ano passado foi produzido pela Warner Bros, e tinha três partes.*
- *A UNIVERSAL renovou por mais doze meses o contrato de Baby Sandy. É o terceiro ano que êle trabalha em Universal City. Fez lá o seu primeiro filme quando tinha um ano.*
- *A ACÇÃO do filme da Paramount «Hold Back the Dawn», com Charles Boyer e Olivia de Havilland, decorre totalmente nos meios cinematográficos de Hollywood. Nele se assistirá à realização duma seqüência do filme «I Want Wings», de que é intérprete Veronika Lake, a loira recentemente descoberta.*
- *GEORGE Murphy foi promovido a membro honorário da Royal Canadian Air Force.*

A FEIRA DAS FITAS

«O FILHO TAMBEM ROUBOU!»

(Johnny Apollo)

Não é um filme sensacional, uma dessas superproduções que dão brado. Mas é um filme excelente, debaixo de todos os pontos de vista, um filme que está muito acima da craveira normal.

Trata-se de um filme de *gangsters* que não é só um filme de *gangsters*. O conflito basilar nada tem que ver com o banditismo americano, que «entra» na fita apenas como elemento secundário. Quere dizer: não é o caso dos *gangsters* que importa, não são as suas aventuras mais ou menos torpes, os seus destinos totalmente miserandos que interessam. O que importa e o que interessa é o conflito entre um pai e um filho — um pai que vai parar à cadeia em conseqüência de uma *auri sacra fames* sem escrúpulos, e um filho que começa por se indignar com o desabusado, cínico materialismo do pai, e acaba por perfilhar as suas teorias e por as levar, na prática, aos seus últimos extremos, com aquela lógica terrível que a mocidade segue muitas vezes como necessidade instintiva.

Estas palavras bastarão para mostrar todo o interêsse do argumento, que Philip Dunne e Rowland Brown desenvolveram e planificaram com verdadeira mestria.

Henry Hathaway tem neste filme talvez a sua melhor realização — e quando escrevo isto não esqueço o seu trabalho em «Os Lanceiros da Índia» nem em «A Filha do Bosque Maldito». De facto, em todo o filme se faz notar uma segurança dominadora, uma autoridade que não é muito vulgar. Há enquadramentos magníficos, planos compostos com o melhor sentido cinematográfico, cenas magistralmente dirigidas, excelentemente movimentadas, com um *tempo* contado a preceito, atmosferas criadas com vigor, efeitos de encenação do melhor quilate — e há acima de tudo *estilo*, verdadeiro estilo cinematográfico, comparável aos melhores que nos fornece a antologia do cinema, neste género. Alguns momentos são dignos de antologia, como a cena em que Johnny domina Bates, a saída de Brennan do Tribunal, depois de ter «entregue» o *gangster*, e outros, vários outros.

A alta categoria da encenação deriva em boa parte das felicíssimas decorações de Richard Day e W. Ihnen, cheias de propriedade, e da bela fotografia de Arthur Miller, que uma das máquinas de projecção empastava e «sujava», na noite em que vi o filme, que até bradava aos céus. São de citar também algumas lindas canções de Lionel Newman e Mack Gordon, cantadas por Dorothy Lamour segundo as melhores regras. Já que estamos neste capítulo, é de notar que o acompanhamento musical é quási inexistente; o facto de não se lhe dar pela falta é o melhor elogio para a qualidade da realização.

A interpretação está à altura do resto. Tyrone Power defende-se bastante bem, num papel que está aliás perfeitamente ao alcance das suas possibilidades. Dorothy Lamour demonstra mais uma vez (a terceira, depois de «Concertina» e de «Lobos do Norte») que é capaz de trabalhar no cinema sem ser com o *sarong* e o colar de flores das raparigas da Polinésia. Edward Arnold excelente como sempre. Lloyd Nolan (Dwyer) e Marc Lawrence (Bates) fazem os *gangsters* segundo as fórmulas habituais, e o belo actor que é Charles Grapewin dá ao advogado Brennan o relêvo necessário.

A tradução das legendas, que é bastante inferior ao normal, veio lembrar-me aqueles tempos, de que felizmente já me esquecera, em que quási tôdas as legendas dos filmes eram motivo de indignação. A má qualidade destas, actualmente excepcional, mostra à evidência o progresso verificado nesse capítulo. — D. M.

QUADRO DE HONRA

Nos filmes exibidos em Lisboa na última semana, filmes que se enumeram por ordem alfabética, os críticos de «ANIMATÓGRAFO» chamam a atenção do público para o que neles merece atenção especial

«A MENINA DA SORTE» (S. I. F.)
— A interpretação prodigiosa da pequenina JANET CHAPMAN (Mary Ann).
— A seriedade de processos usada num filme que se destina principalmente a apresentar um prodígio de precocidade.

«AS MÃOS E A MORTE» (Sonoro Filme)
— A realização de LEWIS MILESTONE.
— O argumento de JOHN STEINBECK, adaptado por EUGENE SOLOW.
— A interpretação de LON CHANEY JR. (Lennie), BURGESS MEREDITH (George), BETTY FIELD (Mae) e de todos os mais.
— O produtor HAL ROACH, por ter metido ombros à produção dum filme tão difícil.

«LEMBRA-TE DAQUELA NOITE» (Paramount)
— O argumento, que é deveras bem trabalhado, conquanto não seja inédito.
— A interpretação de Fred Mc Murray.

«O FILHO TAMBÉM ROUBOU!» (Fox Filmes)
— O magnífico «estilo» da realização de HENRY HATHAWAY.
— O interêsse do conflito em que se baseia o argumento.
— As decorações de RICHARD DAY e W. IHNEN, e a fotografia de ARTHUR MILLER.
— As interpretações de TYRONE POWER, DOROTHY LAMOUR, EDWARD ARNOLD e CHARLES GRAPEWIN.

«PEÇO A PALAVRA!» (Aliança Filmes)
— Por ter atingido a 5.ª semana de exibição no Politeama.

«LEMBRA-TE DAQUELA NOITE!»

(Remember the night)

«Lembra-te daquela noite!» é uma comédia muito agradável, bem realizada e bem interpretada. O argumento feito à volta de um «caso» já explorado em teatro e em cinema tem, no entanto, o mérito de dar verosimilhança a figuras e a factos só aceitáveis no domínio da fantasia. Esta simbiose do disparatado com a lógica dá à história um cunho de realidade que é garantia de seguro êxito em produções humorísticas como esta a que não falta, todavia, certa dose de romantismo — aquele romantismo especial dos americanos que fica bem mesmo nos quadros mais inverosímeis e arbitrários.

Mitchel Leisen, que foi discípulo dilecto de Lubitsch e que hoje goza de justa consideração na Paramount, trabalhou bem o argumento. Fez o que quis com êle. E fê-lo primorosamente não se esquecendo nunca de obter efeitos graciosos dos mais ligeiros pormenores, nem receiando quebrar o ritmo do filme com cenas de ternura nas quais, porém, algumas vezes a nota humorística se revela à vontade (como por exemplo nas cenas que se passam em casa da família do jovem delegado que não hesita em levar para junto dos seus a ré certo de que conseguirá regenerá-la). Barbara Stanwick sente-se à-vontade no papel daquela aventureira. Não se pode dizer que ela tenha aí uma grande criação. O êxito é mais das situações por vezes não muito novas, mas absolutamente infalíveis.

Fred Mac Murray tem um bom papel no filme. Talvez, mesmo, um dos seus melhores papéis. — A. F.

«A MENINA DA SORTE!»

(Little Miss Thorou Gabred)

Temos falado várias vezes de meninas-prodígio. E acêrca de Janet Chapman, por nos parecer verdadeiramente assombroso o

(Cont. na pág. 18)

Títulos ilustrados



«A Menina da Sorte»

Títulos ilustrados



«Mais forte que o amor»

A PÁGINA DOS NOVOS

É preciso cuidado com os diálogos

Temos visto que qualquer filme nacional seja qual fôr a sua qualidade é sempre criticado, (sob os mais variados aspectos) por esta ou por aquela cena ter qualquer defeito, ou por estar um tanto confusa, enfim, mil pequeninos nadas, que quási sempre passam despercebidos da maioria do público, (daquele público que vai ao cinema para ver um filme, e não para lhe procurar os defeitos) mas o que menos se tem criticado, e o que realmente mais carece de uma severa crítica, são os diálogos que alguns filmes nacionais e mesmo estrangeiros nos têm dado.

«Palavras leva-as o vento» costuma dizer-se, mas há palavras ouvidas que jamais são esquecidas, dizemos nós. O cinema sendo um espectáculo para tôdas as idades conta principalmente entre os mais entusiastas milhares de rapazes, menores ainda, que proferem tôdas as palavras ouvidas, imitam todos os gestos, sem ao menos reparar que essas palavras e êsses gestos lhe criam uma forma de proceder muito diferente daquela que haviam de seguir.

«O cinema tornou-se, quer queiram, quer não, o meio mais poderoso de difusão de que dispõe o pensamento humano» disse António Lopes Ribeiro, e nós sabemos que o realizador da «Revolução de Maio» e «Feitiço do Império» (que infelizmente a Madeira ainda não viu) não é um novo no assunto.

É preciso pois cuidado com os diálogos, de forma que aqueles mais fracos de espírito não estejam a vasculhar entre algumas frases, outras de carácter completamente diferente, que lhe venham afectar ainda mais a sua moral já muitas vezes depauperada por leituras obscenas.

ESPERANÇOSO

Hábitos que prejudicam

Nas salas de exibição de filmes, de Lisboa — tanto nas melhores, como nas de segunda categoria, assiste-se não só a exibição de filmes, como ainda a exibições de ignorância, pedanteria, indelicadeza e menosprêzo da mais elementar correcção.

Há forma viável de pôr côbro a estas tristes manifestações?

Não! Não, porque, por mais que as emprêsas exibidoras se esforcem, não podem debelar êsse mal.

Se seleccionam a assistência pela exibição de filmes caros e conseqüentemente caros os lugares, têm que contar com elementos dêsse jaez que, possuídores de dinheiro, são faltos de espírito.

Se seleccionam pela indumentária, têm que contar, com as belas encadernações que fecham capítulos de miséria.

Porque não tentamos nós os que nos consideramos cinéfilos, pôr côbro por uma forma especial a essas manifestações?!

Vejamos como.

Sempre que «um tradutor voluntário» nos sopre aos ouvidos, a sua irritante, néscia ou intempestiva tradução, devemos dizer-lhe delicadamente e de viva vós que o filme possui legendas e os seus personagens, não requesitam intérpretes.

Sempre que «um voluntário contista» nos sopre aos ouvidos, a irritante resenha do filme já por êle visto, devemos recordar-lhe cortezmente que viemos ver o filme, que apreciamos o imprevisto e nos é desagradável a informação que lhe não pedimos.

Sempre que «um crítico repentista» faça observação intempestiva, devemos oferecer-lhe lápis e papel, pedindo-lhe para que critique antes com a frase escrita, porque a sua «verbosidade» é digna de fazer gemer os prelos.

Se todos os que não pertencem a essa ridícula fauna, assim procedermos, beneficiarão os próprios que nos prejudicam prejudicando-se.

MARIA GIL

O que muita gente não quere vêr

É sabido de há muito que os actores bonitos são detestados pelo público masculino e por algum feminino.

A matéria que tem servido de tema aos artigos desta série parece elástica, e por isso eu lanço mais um, que constitui o meu protesto.

É preciso sermos tapadinhos de todo ou estarmos possuídos de grande má vontade, para não vermos que em Robert Taylor não há apenas beleza, êle tem talento e bastante, de que já tem dado sobejas provas como em «O Escravo Branco», «Os Três Camaradas» e «A Multidão Vibra»; já outro «novo» aqui nestas mesmas páginas fêz justiça a êste actor e por isso abstenho-me de mais dizer sôbre êle.

Richard Green o galã de «Aqui sou um estranho» não possui apenas uma ondulada cabeleira.

É ainda um novato em matéria de representar não tendo portanto a experiência dum Cary Grant ou dum Charles Boyer. O seu último trabalho visto em Lisboa «O despertar duma cidade» talvez tenha vindo destruir o pessimismo dos mal-dizentes.

Por fim aparece-nos Tyrone Power, talvez o mais célebre dos três, um actor de grandes possibilidades e que é um dos maiores da actualidade; tem no entanto contra êle os ânimos revolucionados de algum público anti-cinéfilo. A sua performance em Zorro veio aumentar o pessimismo dêsse público, de facto êle tem nesse filme uma criação fraca, mas devemos atender em que o grande Douglas não era actor para ser fàcilmente batido e Basil Rathbonne, o grande Basil da «Tôrre de Londres» fêz uma considerável sombra a Tironne Power na figura do capitão Esteban Pasquale.

Mas temos um exemplo frisante de que o belo se pode unir à arte de representar e dar-nos um actor pasmoso como êsse prestigioso Brian Aherne marido de Joan Fontaine. A interpretação que êste actor tem em «Juarez» é de tal ordem, que lança na obscuridade a de Paul Muni e Bette Davis. Que quere isto dizer? Que estes actores estão na decadência, chegaram ao limite das suas possibilidades artísticas? Podemos responder afoitamente: Não! Qual a razão então?

Foi Brian Aherne que se excedeu a si próprio que bateu por superioridade esmagadora todos os seus trabalhos anteriores, desde o Cântico dos Cânticos em que Marlenne o revelou até ao «My son, my son» que Lisboa há pouco tempo viu.

Com as actrizes acontece mais ou menos o mesmo, nenhum produtor por mais louco e empreendedor que seja vai dar o papel de Margarida Gauthier à escultural Dorothy Lamour, nem Greta Garbo vai meia despida para as selvas fazer festas a um macaco; cada uma no seu papel embora eu compreenda perfeitamente que não se pode estabelecer um paralelo entre o talento duma e de outra.

Se um dia Bette Davis encarnasse o papel que Betty Grable fêz em «Sinfonia dos Trópicos» e se saísse um «fiasco» nós poderíamos apenas dizer:

«Quem te manda a ti sapateiro tocar rabecão».

Verdadeiro cinéfilo é pois, aquele que sabe distinguir os actores que convêm a certos géneros de papéis.

Se ser belo é sinónimo de mais actor, não me admiraria que dentro em pouco Hollywood estivesse transformado numa cidade de Borys Karloffs, senhores de respeitáveis e façanhudas fachadas.

K.

O talento de EDWARD ARNOLD

Os leitores devem estar lembrados da célebre película com Eddie Cantor, «Escândalos Romanos» e que há uns anos atrás fez rir a bom rir o nosso público, conservando-se largo tempo no cartaz do Odeon, Palácio e Politeama, com um êxito sem precedentes, em filmes daquele género. A bem dizer, foi êste o filme que popularizou Eddie Cantor, mas que assinalou ao mesmo tempo a decadência da sua carreira, pois interpretou mais duas ou três películas de pouco sucesso, deixando depois de aparecer de todo.

Mas caso curioso; enquanto um artista terminava pràticamente o seu período cinematográfico, outro chamava sôbre si as atenções do público e dos realizadores, graças à sua excelente interpretação e sugestivo poder expressivo, moldado numa máscara magnífica. Êsse outro artista era Edward Arnold, que desempenhava no filme o papel do imperador Nero, interpretação que se adequava perfeitamente às suas caracteristicas. Decorrido largo tempo, vi novamente Edward Arnold em «Pai contra filho», e é forçoso confessar, que até hoje, foi a interpretação que mais me impressionou, pela sua realidade, e acima de tudo, pela nota vibrante, que o excelente artista soube imprimir ao seu trabalho, em que se destacava o inesquecível final, onde êle, sossobrado pela comoção que o invadia, ria nervosamente, ao mesmo tempo que um chôro convulso lhe embargava a voz, que pretendia tornar clara. Devo dizer-lhes com a máxima franqueza, que é esta a cena mais bem desempenhada que tenho visto, e à qual Arnold soube dar o preciso relêvo. Seguindo com interêsse a carreira dêste artista, apreciei-o depois em diversas produções, cujos títulos não me recordo de momento, e onde a sua presen-

Edward Arnold surge-nos agora em «Peço a Palavra» o novo êxito de Capra, em que é possível ser esta a produção «corôa de glória» do actor que Capra escolheu para secundar os seus dois filmes triunfos.

Se assim fôr, é justo que os realizadores norte - americanos saibam reconhecer o seu real valor, entregando-lhe produções de maior vulto, que o notabilizem e consagrem com tôda a justiça que o seu extraordinário talento verdadeiramente merece.

MANECAS

O Correio de Bel-Tenebroso

687 — JUDY GARLAND *(Lisboa)*. — Cá ficas inscrita na lista das minhas consulentes. Espero, agora, a tua próxima cartinha.

688 — HONORIO DAS MALDOSAS *(Lisboa)*. — O Clark Gable, como artista e como atracção de bilheteira, está alguns pontos acima do Robert Taylor. — Viste *Sonho de Grandeza*, de Fernandel, seis vezes!? Gabo-te a pachorra. — Registo a declaração que me fazes de que tu e um dos teus amigos estão empenhados na feitura dum filme de desenhos animados, intitulado *Amores de Pim*. Não te felicito pelo título, mas, assim como quem não vê caras, não vê corações, quem vê títulos não pode avaliar filmes... — Êste leitor desejaria corresponder-se com *Donalda*.

689 — EL ESTUDIANTE *(Lisboa)*. — Hedy Lamarr é divorciada dum italiano cujo nome não me ocorre e de Gene Markey, que foi marido da Joan Bennett. Se a acho bonita?! «Oh boy!... Oh boy!... «Lovely». — Entre a Lamarr e a Lamour, «mon cœeur balance...».

690 — GAROTA DE LISBOA *(Lisboa)*. — Supunhas então, quando me escreveste aquele desolado postal, «que não eras merecedora da minha atenção»? A estas horas, por certo, já estás convencida do contrário, pois lembro-me de ter respondido a várias cartas tuas.

691 — 16 ANOS INCOMPLETOS *(Lisboa)*. — Temo que quando esta resposta vier a lume o teu pseudónimo haja perdido já a actualidade, e que estejas à beira dos dezoito anos, dada a hipótese de os não teres já completado... —Esta leitora gostaria de ter as letras das seguintes canções de Deanna Durbin: *Amapola*, *Rumba* (Idade das Ilusões) e *Madame Buterfly*. — A tua letra não me era estranha, mas confesso-te que me não lembrava dos teus anteriores pseudónimos. Agora, porém, já te identifiquei. Espero novas cartas tuas.

692 — PRINCESA DA SELVA *(Lisboa)*. — A tua carta, que se inicia sob as meigas palavras de «Querido Noivo», deixou-me na beatitude dum sonho. — Esta época não verás o filme *Nice Girl*, onde a Deanna do sr. Vaughan Paul contracena com o Franchot Tone, o ex-Mr. Crawford. — Podes ficar descansada que as separatas virão sôltas, como até aqui.

693 — REI DO FLIRT *(Pôrto)*. — Fazes muito bem em não desistir de escrever-me! As respostas tardam, mas aparecem. E como mais vale tarde do que nunca... — A Marlène está ainda para lavar e durar... O «pêso dos anos», como tu dizes, no caso da intérprete do *Anjo Azul*, ainda se não faz sentir, pelo menos cinematogràficamente. — A *Cidade Turbulenta* é uma obra magnífica, sob todos os aspectos. — Outros filmes de Laurence Olivier, além de *Rebecca* e *O Monte dos Vendavais*. Antes da sua ida para a América: *Inglaterra em Chamas*, *The First and the last* e *The Divorce of Lady X*. Depois de *Rebecca*, *Orgulho e Preconceito*, com Greer Garson, e *Lord Nelson e Lady Hamilton*, com Vivien Leigh.

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

694—DERAM-LHE UMA ESPINGARDA *(Lisboa)*. — Transmito os teus melhores cumprimentos a *Conde Axel de Fersen da Suécia*, *Raffles*, *Bob Taylor*, *Arsénio Lupin*, *Paulo e Romeu*, *Príncipe da Meia-Noite* e *Rey... sem trono*. — Obrigado, pelos teus bons votos.

695 — LEVADA DA BRECA *(Lisboa)*. — *Sinfonia dos Trópicos* é um belo espectáculo. E a Betty Grable, uma sinfonia. É a minha *appassionata* favorita... — Pobre *Levada da Breca!* Fiquei com uma grande simpatia por ti, depois de saber as dificuldades que tens para me escrever. Que mal verão essas pessias, na troca destas linhas. Verdadeira caligrafia sem fios, e sem maldade de qualquer espécie... — Espero novas cartas tuas, «malgré» o bloqueio...

696 — GARY COOPER EM ERMEZINDE *(Pôrto)*. — Não me podias ter visto no Olímpia de Lisboa, pela simples razão de que é Cinema que habitualmente não frequento. Não porque não seja extremamente simpático. Mas, em regra, os meus passos não se encaminham para lá. — Êste leitor deseja corresponder-se com *Tripeirinha*. Escreve às artistas portuguesas, por intermédio da nossa revista.

697 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — Santos Mendes não pertence à redacção de *Animatógrafo*. Quanto à minha identidade, amigo, andas muito longe da verdade... — Escreve a Ann Shirley para R. K. O.-Rádio Pictures, 780, Gower Street, Hollywood, Califórnia. — Anita Louise e Ann Morris: Metro Goldwyn Mayer Pictures, Culver City, Califórnia. — A morada de Annie Vernay fica para melhor oportunidade. Ignoro se ela está na zona livre ou na zona ocupada da França.

698 — QUERO A GRAÇA, ETC. *(Alcanena)*. — Resumi o teu pseudónimo, porque me não pareceu 100 por cento «convenable». Fàcilmente arranjarás outro, mais engraçado. — Obrigado pelas tuas boas palavras. Gostosamente te atenderei sempre que preciso fôr. — A tua carta foi transmitida oportunamente à Maria da Graça.

699 — FREI DEMÓNIO *(Lisboa)*. — Acho bem que fiques por aqui, no que toca a pseudónimos. Por pouco, é um por mês... — O sangue «de mouro ciumento», que tu dizes correr nas veias dos portugueses, é responsável, de facto, por muitas atitudes que surpreendem as estrangeiras. Possivelmente êsse nosso «defeito» será uma das nossas «qualidades». Que dizes? — Dentro em breve, deverás receber resposta da Maria da Graça. — Quanto a mim, acho que a Dorothy Lamour, de tanga, é «the right woman in the right clothes». É possível que a frase não esteja cem por cento «shakespeareana». Mas define com propriedade o que penso. O talento da Dorothy está na razão inversa do seu vestuário. Porque ela, como os cisnes, tem o talento da sua beleza. E não julgues que eu a deprimo com isto. Se se admira a Venus de Milo, uma criação artificial, porque não devemos admirar uma Venus real, obra-prima da Natureza, em todo o esplendor da sua beleza?!

700 — DINHAMÁ *(Lisboa)*. — «Estou triste porque V. não gosta de me escrever? Será por lhe não ter enviado as Boas-Festas?» Admirável ingenuidade, *Dinhamá!* Admirável, sobretudo se fôsse sincera... No entanto não me julgo culpado para merecer o epíteto de «Bel-Escandaloso»... — Entre a *Verdadeira Glória* e o *Veterinário à Fôrça* vai a distância que os próprios títulos traduzem. Não me surpreende pois que hajas preferido o primeiro. — A Carole como Artista e como Mulher, não me convence... É certo que, sob o primeiro aspecto, ia bem em *A Vida Começa Amanhã*, em *Vigil in the night* e em *O Outro*. É certo, também, que sob o aspecto físico, não é nenhuma peste... Mas acho-a artificial e desconsolada... Claro, que admito perfeitamente que esteja enganado... O Clark Gable, de resto, lá deve ter as suas razões. — Não consegui perceber aquelas reticências que servem de comentário à foto da Lamour... Achas que... Francamente, não percebo... Não quererás precisar a tua opinião?...

701 — ZÉ ALICA *(Beja)*. — Podes escrever a Maria Paula, por intermédio da nossa revista. Escreve-lhe uma carta e depois limita-te a metê-la dentro dum envelope, endereçada à nossa revista.

702 — ETERNA GAROTA *(Lisboa)*. — Não deves estranhar as demoras das minhas respostas. Se tu soubesses quantas caiem sôbre a minha mesa? Parece a 4.ª secção dos Correios. — Escreve ao Robert Stack para a Universal Studios, Universal City, Hollywood, Califórnia. — O que é preciso para ser intérprete dum filme português. Se quisesse ser pessimista dir-te-ia: 1.º) Haver um filme português em preparação; 2.º) Não ter talento de espécie alguma... — É difícil realizar o sonho de entrar num filme. Sobretudo, porque a produções portuguesa é escassa. Mas o processo mais seguro é chegar à fala do realizador, dizer-lhe do gôsto que tens em tomar parte num filme, e depois invocar a Providência Divina para que te proteja e faça luz no cérebro do produtor ou realizador, dado o caso de teres talento e dêles não o suspeitarem.

703 — RITMO CINÉFILO *(Pôrto)*. — Estudaremos a hipótese de tornar viáveis os concursos, que tu sugeres. — Quanto ao resto, estou de acôrdo contigo: saber esperar é uma virtude; e reagir contra o desânimo, uma qualidade inapreciável.

704 — RAFFLES *(Lisboa)*. — Não creio que vejamos, esta época, mais filmes da Dorothy Lamour, além do *Johnny Appolo*, que se exibiu no Tivoli. — Êste leitor agradece e retribue as saudações de *Pinocchio Moreno* e cumprimenta *Uma gaiata cinéfila*, *Pinocchia* e *Balalaika*.

705 — PRINCESA DO PATIM *(Lisboa)*. — «Se o filme *Um homem do Ribatejo* vai adiantado?» Até parece ironia, Princesa amiga. Em boa verdade, nem começado está. — *Lobos da Serra* aproveita alguns dos mais belos cenários da Serra da Estrêla. — Madalena Soto não deixou o Teatro pelo Cinema. Pela fôrça das circunstâncias, a inversa é que se tornou verdadeira. E ainda bem: porque dentro do Teatro Português, Madalena é uma artista jovem, com incontestáveis qualidades.

706 — I AM CHARLES BOYER *(Coimbra)*. — Título original de *Grande Hotel? Grand Hotel!* Entre os melhores filmes de Spencer Tracy, conto *Lôbos do Mar*, *Homens de Amanhã* e *San Francisco*. — De Dorothy Lamour? *O Furacão* e *A Princesa da Selva*. Como já tive ensejo de dizer, quanto mais «lamourescos» forem os filmes, melhores são.

707 — DOMINGOS ANTÓNIO JORGE *(Évora)*. — O «cantinho» para a conversa, é esta secção. Escreve sempre que queiras ,pois gostosamente te responderei.

708 — ÚLTIMA ROSA DE VERÃO. — *(Lisboa)*. O teu pseudónimo é extremamente romântico. Lembra os frutos maduros, as alamedas atapetadas de fôlhas amarelecidas, as uvas doiradas com a sua maquillage» de poeira à beira das estradas: tôda a sinfonia da estação que morre, e do triste Outono que se avizinha. — É inútil dar-te, por enquanto, a morada dos artistas franceses. A maior parte dêles não se encontram nas suas casas. As comunicações são morosas e difíceis.

709 — I AM CHARLES BOYER *(Coimbra)*. — Êste leitor oferece 6 fotos de artistas de Cinema ou um volume da colecção «Civilização», à leitora ou leitor que lhe envie a melhor carta sôbre êste tema: «O que é e para que serve o Cinema». — Deixa-me dizer-te que o enunciado me parece um pouco confuso. E a tal ponto, que eu, pessoalmente, talvez desistisse das fotos ou do livro...

710 — DR. CASACA *(Aveiro)*. — Deves dirigir o teu pedido de foto à própria Deanna Durbin, ou, se quiseres, a Filmes Alcântara, Cinema Odéon, Lisboa. O *Animatógrafo* não pode satisfazer êsse teu desejo.

O Correio de Bel-Tenebroso

Tôda a correspondência desta secção deverá ser dirigida a BEL-TENEBROSO — Redacção de «Animatógrafo» — Rua do Alecrim, 65 — LISBOA

711 — HOMEM DE LATA *(Lisboa)*. — Êste leitor que se considera na Vida, a encarnação do «Homem de Lata» do *Feiticeiro de Oz*, gostaria de encontrar uma leitora que estivesse disposta a corresponder-se com êle. Como o seu homónimo, companheiro da Judy, declara que não tem coração e é «incomovível» — *Prosápias de Andy Hardy* é, de facto, o título português de *Andy Hardy meets a Debutante*.

712 — UMA GAROTA SEM IMPORTÂNCIA *(Lisboa)*. — Apreciei muito aquela tua carta, que me escreveste de sociedade com o *Eterno Garoto*. Para Vv. ambos as melhores saudações e os agradecimentos pelos bons votos qu formulam. Calculo que tiveste umas férias bem agradáveis e estou certo de que nunca os filmes te pareceram tão belos e tão maravilhosos, como nesses dias. — *Eterno Garoto* pede-nos que diga a *Rapaz de Alpiarça* que lhe pode escrever para *Eterno Garoto, Posta Restante, Chamusca*. — Cá fico à espera da grande carta que me anuncias.

713 — MARCO POLO *(Lisboa)*. — Nem o Warner Baxter, nem a Loretta Young, nem a Danièlle Darrieux deixaram de filmar. Simplesmente, por qualquer motivo, alheio ou não à sua vontade, estiveram em descanso. — Registo a tua declaração de que «Maria da Graça é, para ti, a mais bonita de tôdas as estrêlas do Cinema».

714 — AMO UMA M. A. *(Penafiel)* — *Maria Antonieta* era, de facto, um filme maravilhoso. Norma Shearer tinha uma das mais belas criações da sua carreira. — *Cavalgada Heróica* e *4 Penas Brancas* são dois espectáculos assombrosos, duas obras-primas da tela. — Êste leitor deseja corresponder-se com *Balalaika* e *Ninette*.

715 — BLI-BLI. — O teu nome, ciciado repetidas vezes, em pleno campo, e em noite calmosa, deve despertar os ralos e as cigarras, que não quererão deixar de fazer côro... — Podes escrever ao Robert Stack para Universal Studios, Universal City, Califórnia. — Para me escreveres e teres direito à respectiva resposta, não necessitas de ser assinante.

716 — QUERIA SER UMA ESTRÊLA, NO CÉU DE HOLLYWOOD *(Braga*. — A avaliar pelo teu pseudónimo, as tuas ambições não andam muito terra a terra... — Fizeste muito bem em vencer «o mêdo» *(sic)* de me escrever. Mas achas, na realidade, que eu possa meter mêdo a alguém, sobretudo quando êsse alguém «gostaria de ser estrêla», e teria que enfrentar alguma coisa mais do que um desconhecido?!

717 — MÁRIO DUARTE. — *(Pôrto)*. — Podes escrever a Leitão de Barros, ao cuidado da Tobis Portuguesa, Alameda das Linhas de Tôrres, Lumiar, Lisboa.

718 — I LOVE DEANNA DURBIN *(Pôrto)*. — O filme *The Mikado* não deve ser exibido em Portugal. — Ainda é cêdo, para que possas escrever à Corinne Luchaire. Aguarda mais algum tempo. — *Rafles* é um filme bem feito, mas não ao ponto de se poder considerar um tipo!

719 — BOB TAYLOR *(Lisboa)*. — Se os nossos desejos se pudessem realizar, tu, e todos os outros consulentes desta secção, veriam, todas as semanas, os vossos pseudónimos nestas colunas. — Se bem que seja extremamente lisongeiro para a nossa Maria da Graça, não me parece necessário estabelecer paralelos entre ela e a Deanna Durbin. Oxalá que breve ela tenha ensejo, novamente, de alegrar a tela e os nossos olhos, com a sua presença. — *Bob Taylor* agradece e retribui os cumprimentos de *Shirley Aviadora*, e diz-me da alegria que sentiu ao ver o pseudónimo daquela leitora nas colunas do *Animatógrafo*. Saúda ainda *Uma gaiata cinéfila, Brunhilde, Donalda, Pinocchia* e *Saudade*, com a última das quais gostaria de se cartear.

720 — I LOVE DEANNA DURBIN *(Coimbra)*. — O teu pseudónimo perdeu a oportunidade... Mais: vai contra o 9.º Mandamento! Como sabes «o próximo», neste caso, chama-se Vaughn Paul... — Lilian Harvey abandonou o cinema, pelo menos temporàriamente. Escreve-lhe para Universum Films Aktiengeselschaft, UFA, Neubabelsberg, Berlim. — Depois de *It's a date* (Data Memorável), que o Odeon nos deu, veremos, só na próxima temporada, *Spring Parade* e *Nice Girl*, que são os mais recentes filmes da tua Shirley. — Para te inscrever no *Clube do Animatógrafo*, dada a hipótese de ainda não estares inscrito, deverás dirigir-te, num simples postal, ao Director da nossa revista e mencionar: nome, idade, profissão e morada.

721 — REI SEM TRONO *(Lisboa)*. — A Ann Rutherford, que tu e eu admiramos, pela sua graça e simpatia, tem 22 anos e tem interpretado vários filmes, dos quais há a destacar os da Família Hardy, que a popularizaram. Ann costuma mandar foto, que poderás solicitar para a Metro-Goldwyn-Mayer Studios, Culver City, Califórnia.

722 — BONECA VOLÚVEL *(Funchal)*. — A incerteza dos correios faz com que te esteja a responder a uma carta, cuja data é anterior a outras que já contestei. — É lamentável, de facto, que estando a Madeira a dois passos de Lisboa, vocês, em 1941, estejam ainda a ver *O Gato Bravo do Arizona, Minha ex-Mulher e eu, Perdeu-se uma Milionária*, etc. — *A Grande Valsa* é de facto um belo filme, animado pelas imorredoiras melodias de Strauss que não envelhecem.

Bel-Tenebroso

«ALA, ARRIBA»

(Conclusão da página central)

anjinhos, depois os andores e um interminável desfilar de gente.

Esquece-se que é uma reconstituïção, elevam-se preces ao céu, onde estralejam foguetes, sem cessar.

As câmaras registam êste momento grandioso, fazem-se fotografias e há uma agitação emocionante. A memória ocorre-nos agora uma passagem de um livro que lêramos durante a viagem: «Litoral a Oeste» de José Loureiro Botas, em que se descreve duma maneira impressionante a procissão do Senhor São Pedro em Vieira.

A sensação é idêntica, as gentes de Vieira e da Póvoa possuem sentimentos iguais: — são pescadores e tementes a Deus.

Vive-se um momento estranho: o espírito desprende-se da matéria e extasia-se perante a grandiosidade dêste invulgar espectáculo.

E na película virgem vão-se impressionando imagens de uns dos «clous» de «Ala-arriba!»

Terminada a procissão, e filmados os últimos pormenores indispensáveis à seqüência desta cena, é a debandada.

Os protagonistas

Embora não tenhamos ainda a confirmação do realizador e do produtor de «Ala, arriba!», vamos revelar os nomes dos protagonistas de «Ala, arriba!».

Êle, o João do filme, chama-se Domingos Gonçalves na vida real e é pescador da Póvoa. Fácil, portanto, lhe será interpretar não um personagem diferente mas a sua própria existência.

Felicitamos Leitão de Barros pela escolha de Domingos Gonçalves para o principal papel. Temos a certeza que a sua figura hercúlea vai fazer furor entre as cinéfilas portuguesas. Logo que seja possível e para satisfazer a curiosidade das nossas leitoras publicaremos uma fotografia do protagonista de «Ala-arriba!»

Os cinéfilos que não fiquem descontentes. A Maria de Lourdes, também vai causar êxito. Podemos afirmar que é encantadora e a sua interpretação da poveira Júlia virá confirmar o que aqui dizemos. Não sabemos qual será o seu nome de «guerra» mas que ela e Leitão de Barros nos perdoem esta inconfidência necessária para satisfazer a curiosidade dos nossos leitores.

Os demais interpretes são tudo gente poveira. Assim o filme ganhará mais valor como realidade. De facto ninguém melhor que êles próprios poderão «sentir» as personagens que Leitão de Barros e Alfredo Cortez escolheram para o seu filme.

Fala o director de produção

De regresso à capital, viajámos no «Flecha» juntamente com o dr. Rodrigues Pinto, administrador delegado da Tóbis Portuguesa e director de produção de «Ala, arriba!».

Inquirido se estava satisfeito com o trabalho obtido respondeu esquivamente: «O cinema tem muitas surprezas mas creio que tudo deve ter resultado bem».

Recordamos agora a policromia que horas antes havíamos observado na Póvoa de Varzim e o dr. Rodrigues Pinto lamenta: «Que pena não se ter filmado a côres aquele admirável espectáculo, mas não possuimos ainda o indispensável para o fazer».

As camisolas de lã branca e os barretes vermelhos dos homens, as saias, as blusas e os lenços das mulheres, tudo estava a pedir tecnicolorido.

Falou-se em seguida dos intérpretes, mas o director de produção de «Ala, arriba!» evita comentários. Espera com confiança o momento final, crente de que tudo resultará em bem.

E nós, depois desta jornada ao norte do País em busca de novidades sôbre «Ala, arriba!», ficámos com a certeza de que todos os colaboradores do filme se esforçam para que o produto do seu trabalho obtenha o resultado que merece.

J. M.

«A MENINA DA SORTE»

(Conclusão da página 15)

seu «caso», temo-nos alargado em várias páginas do «Animatógrafo».

Resta-nos assim bem pouco a acrescentar.

Mas insistimos com os nossos leitores, agora do alto desta «tribuna» cujas responsabilidades se conhecem e cujas prerogativas se respeitam, para que não deixem de ir ao Eden admirar essa espantosa actrizinha de 4 anos, que nem precisa de ser bonita para encantar tôda a gente.

O argumento em que se baseia o seu primeiro filme tem imaginação e interêsse. O meio em que decorre está bem focado e os restantes intérpretes — a linda Ann Sheridan, o irresistível Frank Mac Hugh, e o excelente John Litel, não esquecendo o clássico «polícia» Robert Homans — enquadram sem desdoiro aquela rival seriíssima, pois Janet tem transições de expressão e entoações que deixariam vexados e inferiorizados artistas de maior mérito ainda. — A. L. R.

«PEÇO A PALAVRA!»

A justificação do êxito dum grande filme

Quando da estreia de «Peço a Palavra!» — já lá vai um mês! — houve quem profetizasse: «Não pode fazer grande êxito... Tem pouco «amor», pouco «romance»; as senhoras não vão gostar... Na bilheteira, não vai chegar aos calcanhares do «Não o levarás contigo!»

Afinal êsses cepticos enganaram-se, como tantas vezes acontece aos cepticos. «Peço a Palavra!» foi um grande êxito de bilheteira — melhor diremos: é um grande êxito de bilheteira, visto que, quando sair êste número de «Animatógrafo», ainda irá em meio a sua 5.ª semana de exibição.

Êsses cépticos enganaram-se por não terem reparado que já lá vai o tempo em que o público português só fazia êxitos, autênticos êxitos, das «Balalaikas». Actualmente já não é assim: continua a festejar as «Balalaikas», e os «Robins dos Bosques», como é lógico e normal, mas distingue também filmes de outro tipo, de género indubitàvelmente mais alto na jerarquia dos valores, quando merecem de facto serem distinguidos.

E aqui temos o «Peço a Palavra!» autêntico êxito de bilheteira. Apenas poderão discutir a «justiça», a «legitimidade» dêsse êxito, aqueles que se identificam com as figuras e os processos que Capra zurze impiedosamente no seu filme. Todos os outros compreenderão o seu triunfo, acharão perfeitamente natural que apaixone as multidões uma obra tão oportuna e tão bem feita. O interêsse actual do seu tema basta para explicar o interêsse do público pela obra. Mas a forma como êsse tema foi tratado, a realização magistral de todo o filme, acabam por justificar por completo o seu êxito, embora Frank Capra nunca tivesse condescendido com as chamadas «concessões» ao gôsto do público (se bem que também nunca tivesse esquecido os imperativos espectaculares).

Portanto, o êxito de «Peço a Palavra!», que a «Aliança-Filmes» apresenta no Politeama, não só é perfeitamente justo e legítimo, como é também perfeitamente natural.

A. M.





Animatógrafo

DIRECTOR: ANTÓNIO LOPES RIBEIRO



ROBERT MONTGOMERY e EDWARD ARNOLD no «Conde de Chicago», uma das mais espantosas produções da Metro-Goldwyn-Mayer

ESTE NÚMERO CONTÉM UM RETRATO-BRINDE: JOAN CRAWFORD